

CONTRIBUIÇÃO À MEMÓRIA DA CASA QUE ABRIGA O

CLUBE DOS OFICIAIS DA PMPR

Neste ano de 2023 o Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Paraná comemora 65 anos de sua criação. E num evento fortuito, os familiares de Adolfo Kreitlov (1910-1999) primeiro proprietário da área de terra e idealizador da bela propriedade no bairro Hauer onde o Clube dos Oficiais tem sua sede estabelecida, foram convidados a colaborar com a memória desse espaço social. Da parte da família fica o agradecimento pelo interesse e pela possibilidade de relembrar um período na vida de Adolfo extremamente profícuo, momento em que com o seu tino empreendedor conseguiu destaque naquilo que lhe era particular – a atividade comercial –, tornando-se um empresário respeitado e de sucesso.

Atendendo então ao convite da Associação dos Oficiais Policiais e Bombeiros Militares do Estado do Paraná e dos membros da Diretoria do referido Clube, buscou-se lembranças, fatos e documentos que pudessem dar identidade à casa. Foi um momento bom, de recordações.

Adolfo Kreitlov, natural de Curitiba, nascido em agosto de 1910, filho de Emma e Augusto, jogador de basquete talentoso (apesar de sua pouca estatura) da então Sociedade Beneficente Rio Branco (1), fundada *Hanwerker Unterstützungs Verein* em 1884 (2), foi um homem urbano com interesses urbanos. Prova disso é essa casa que foi um marco construtivo numa parte da cidade ainda incipiente, e a implementação de ações e benfeitorias que vieram com a imediata interação do homem empresário na comunidade, a exemplo da doação do terreno e a constituição física e institucional do rubro negro *Vila Hauer Esporte Clube*, em 1955, cujo técnico era o sr. Duia. A diretoria da agremiação era composta por José Moysés Schelela, Pedro Petryk, Mario Jaworski, João Lopes Cortiano, todos estabelecidos na região com negócios e/ou residências. Da mesma forma que fez a doação do terreno que abriga o Santuário de Santa Rita de Cássia, no Hauer.

Para embasar as pesquisas para este breve histórico recorreu-se ao acervo do Arquivo Público Municipal, que de maneira solícita repassou informações que balizaram, agregadas a outros elementos, uma possível data de início das obras da casa; considerou-se ainda o depoimento de Doroti, hoje com 89 anos filha de Adolfo que à época da construção tinha 14 para 15 anos e que nos fez concluir que a cessão da área e a construção da casa foi resultado de uma parceria profissional entre seu pai e a família Hauer, que tinha como interesse o loteamento de áreas ao sul da capital, intento este parcialmente realizado e que abriu caminho para a implantação de bairros importantes e hoje dos mais

populosos de Curitiba, como o Capão Raso, Boqueirão e Vila Hauer, este assim denominado à época; no entanto, mais do que o vínculo profissional, firmou-se um vínculo de amizade e confiança entre Adolfo e membros da tradicional família, especialmente com o sr. Boris Hauer – o clã dos Hauer deixou sua marca na história de Curitiba e do Paraná em diversas áreas de atividades – que souberam identificar as qualidades e o tino comercial de Adolfo.

Diante de poucos elementos documentais, recorreu-se novamente à memória de Doroti, que apontou ter sido o engenheiro e amigo de seu pai Ernesto Pontoni o responsável pelo projeto da casa e de seu entorno. Este profissional foi atuante nos anos de 1940, falecido em 2013 aos 92 anos. Por meio dos documentos oficiais analisados no primeiro momento da pesquisa, julgou-se que o projeto era de autoria do engenheiro civil Lysis Luiz Moraes de Castro Vellozo - e uma curiosidade a seu respeito é a de que era um dos doze filhos do poeta e escritor Dario Persiano de Castro Vellozo, participante do movimento simbolista no Paraná criador do Instituto Neopitagórico e do Templo das Musas, local de reunião de intelectuais. No entanto, o possível projeto de construção assinado por Pontoni infelizmente não foi localizado, mas até onde as pesquisas puderam alcançar as obras tiveram início entre os anos de 1948/1949, sendo acompanhadas de perto sob o olhar criterioso e sempre exigente de Adolfo e pelo trabalho profissional do mestre de obras e seus ajudantes, que infelizmente se mantêm no anonimato.

Chamada de Vila, como assim se denominavam as casas mais elaboradas em termos arquitetônicos da Curitiba do início aos meados do século XX, ela se destacava pelo aspecto e alguma contribuição arquitetônica europeia. Mesmo que a simplicidade do estilo arquitetônico tenha prevalecido na vista externa, não se distanciou da influência estrangeira bem demonstrada no telhado acentuado, abrigando sótão ou segundo piso. Em Curitiba os vários grupos imigrados, dentre eles os italianos e alemães, contribuíram para transformar a arquitetura e modernizar a cidade que se desenvolveu com características construtivas próprias desses povos e impulsionada por planos urbanísticos adotados na cidade que crescia – naquele momento vigorava o Plano Agache, considerado o primeiro Plano Diretor de Curitiba.

Neste exemplo, em particular, não havia os elementos artísticos usados na maioria dos solares e vilas mais ao centro da capital à época; talvez por localizar-se em uma área muito pouco povoada e carente de benfeitorias públicas, porque fora do perímetro urbano, em terreno bastante alagadiço banhado mesmo com uma exuberante mata de araucárias: a escolha privilegiou linhas retas e sem adornos externos. Na imagem colhida do Boletim Casa Romário Martins (3) vê-se a longa e quase deserta avenida Mal. Floriano Peixoto que se projetava em direção ao sul do município em 1950, justamente quando a casa tem a sua construção finalizada.

No entanto, a construção de alvenaria sólida e bem acabada, o paisagismo impecável, as estufas para abrigar um orquidário e o calçamento em *petit pavé* decorado davam um toque aprimorado à residência, murada em toda a sua extensão de 13.200m.

No que toca ao seu aspecto interno haviam elementos diferenciais e até esmerados. No livro *A Arte do Bem Viver* (4) vê-se a descrição do interior das casas projetadas por arquitetos no início até meados do sec. XX com elementos que se aproximam do que havia na casa, notadamente na área social, como “a composição eclética que destaca a localização da sala de visitas por intermédio de grande abertura finalizada em arco [...], acompanhando a curvatura”, e essa especificidade pode ser observada na foto de casamento de Doroti (5), em 1953, momento especial e sofisticado em que a bela residência foi “descoberta” pela alta sociedade de então, que ali se reuniu na ocasião. Destaque também para o quarto de vestir, suíte, área de serviço, cozinha e despensa independentes e escadaria em madeira de lei.

Por fim, a casa e todo o seu entorno foi um espaço privilegiado em todos os sentidos, e que se mantém nas melhores lembranças daqueles que a usufruíram. Privilégio agora estendido a toda família associativa dos Policiais Militares do Estado do Paraná, a quem também agradecemos.

Dorothei Kreitlov Jaworski, filha
Denise Jaworski Carvalho, neta
Mariliz Jaworski Schneider, neta
Daysi L. Ramos, sobr.

Referências

(1) Fotografando Curitiba

<<http://www.fotografandocuritiba.com.br>

(2) Clube Rio Branco [site] História do Clube. Disponível em

<<http://cluberiobranco.com.br/institucional/>>

(3) Boletim Casa Romário Martins. O Acervo Wischeral: Documentos de um olhar. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.31, n.134, 2007, p.75.

(4) *A Arte do Bem Viver*. Zulmara C. S. Posse e Elisabeth A. de Castro, Curitiba: Edição das Autoras, 2012

(5) Foto Brasil (estúdio fotográfico criado em 1931), 1953